

ditar na substituição, desancou o colega: “não havia de ser tão vil, tão covarde, tão patife, tão bandalho, tão infame, tão cachorro, tão servandija que subscrevesse uma correspondência tão indigna; e, caso o fizesse, que tivesse a vilania de esconder-se e, deste modo, comprometer ao miserável Joaquim Bonifácio”. Lopes Gama foi combatido pelos pasquins *O Lida-dor*, *O Eco da Verdade*, *O Clamor Público*, *O Esqueleto*, *O Raio*, *A Car-ranca*, *O Vulcão*, *A Barca de Vigia*, *O Artista*, *O Proletário*, *O Bezerro de Pera*, o *Um dos Cinco Mil*, dirigido este pelo padre João Capistrano de Mendonça, o célebre *frei Cometa*, por ter feito o seu nome no jornal *O Cometa*, que apoiava a *Praia*. Tanto o combateram praieiros quanto *guabi-rus* e seus órgãos, conforme as circunstâncias e as posições de Lopes Gama nelas. De um lado, estava a imprensa da esquerda liberal, combativa e virulenta; de outro lado, a imprensa que apoiava o latifúndio. Lopes Gama combatia a oligarquia latifundiária mas, com a radicalização da *Praia*, abandonou aqueles que também a combatiam. Não poupava os senhores, mas não queria participar da solução de força a que os praieiros tendiam. Detestava os barões do massapê, mas desejava ficar longe dos que chama-va demagogos. Se estes lhe pareciam desorientados, aqueles eram execrá-veis⁽⁹⁷⁾. Demais, um homem que fazia a análise política de que registramos alguns tópicos, e que até combatia o ensino do latim, por “desnecessário ao comum da vida. . . estudo de luxo”, não poderia ser bem visto na terra em que o latifúndio tinha quatro séculos de existência e apresentava ainda forte estrutura. Por todos os títulos, foi Lopes Gama um dos mais notáveis jornalistas da época⁽⁹⁸⁾.

O jornalista doutrinário teve, entretanto, como seu representante mais destacado na época, a Antônio Pedro de Figueiredo que, tendo cola-

(97) “Acusações incidiam, com visos de verdade, sobre inúmeros dos parentes do Barão, como vemos nos periódicos da época. Além do caso do Arraial, onde a polícia praieira encontrou, nas suas diligências, ossadas de vítimas do irmão de Boa Vista, falava-se nas violências e desonesti-dades de seu primo Francisco do Rego Barros, cognominado Chico Macho, e de outro primo, José Maria Pais Barreto, senhor do engenho Pindobinha, e que enriquecera roubando escravos. Por sinal que, dotado de espírito de equidade, tanto roubava os escravos dos praieiros, como dos seus correli-gionários, o que ficou comprovado quando a polícia de Chichorro devassou o seu engenho, medida que também foi tomada com outros engenhos de potentados rurais. Alguns elementos da parentela eram acusados de passar moedas falsas ou de contrabandear pau-brasil”. (Amaro Quintas: *O Padre Lopes Gama Político*, Recife, 1958, págs. 47/48).

(98) Miguel do Sacramento Lopes Gama nasceu em 1791, estudou no Mosteiro de S. Bento, em Olinda, entrou na Ordem Beneditina em 1807, vindo a ser, em 1817, lente de Retórica do Semi-nário de Olinda, secularizando-se em 1834. Foi diretor dos Cursos Jurídicos de Olinda e do Colégio de Órfãos, professor do Liceu Pernambucano. Fez parte da Assembléia Provincial nas 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª legislaturas bienais, a partir de 1835, não conseguindo reeleger-se à Geral, em 1845, a que passaria, em 1846. Combateu os movimentos de 1817, 1824 e 1848. Redigiu vários jornais: *O Con-*